



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

ARTE E CONHECIMENTO: O ENCONTRO DA ESTÉTICA E DO SERTÃO NO MUSEU REGIONAL DE FEIRA DE SANTANA

SELMA SOARES DE OLIVEIRA

EIXO: 16. ARTE, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

RESUMO — Abordamos neste trabalho temas relacionados com a presença do Museu Regional, criado em 1967, na cidade de Feira de Santana, Bahia. Analisamos as características do seu acervo, formado por coleções distintas, uma que envolve obras expressivas ligadas às vanguardas artísticas, no Brasil e no exterior, e a outra voltada para a cultura regional. Além disso, investigamos a importância desse acervo como difusão do conhecimento por meio da veiculação de obras de arte, sua contribuição para formação de vários artistas plásticos feirenses e as inter-relações que estabeleceu com as culturas de Feira de Santana, entre as décadas de 1960 e 1980. Também buscamos identificar em que medida o Museu funcionou como contribuinte para a preservação da identidade cultural sertaneja.

PALAVRAS-CHAVE: *Museu Regional de Feira de Santana. Artes visuais. Formação de Artistas.*

ABSTRACT — This work approaches issues related to the presence of the Regional Museum, created in 1967, in Feira de Santana, Bahia. Was analyzed the characteristics of its acquis, composed by different collections, one that involves significant works related to artistic vanguards, in Brazil and abroad, and the other focused on regional culture. Furthermore, was investigated the importance of this acquis as diffusion of knowledge by means of propagation of art works, its contribution to formation of many feirenses plastic artists and the interrelations that it established with the cultures of Feira de Santana, between the 1960s and the 1980s. Also we seek to identify the extent that the Museum worked as a contribution to the preservation of country cultural identity. KEY WORDS: *Feira de Santana Regional Museum. Visual arts. Artist formation.*

ARTE E CONHECIMENTO: O ENCONTRO DA ESTÉTICA E DO SERTÃO NO MUSEU REGIONAL DE FEIRA DE SANTANA

RESUMO — Abordamos neste trabalho temas relacionados com a presença do Museu Regional, criado em 1967, na cidade de Feira de Santana, Bahia. Analisamos as características do seu acervo, formado por coleções distintas, uma que envolve obras expressivas ligadas às vanguardas artísticas, no Brasil e no exterior, e a outra voltada para a cultura regional. Além disso, investigamos a importância desse acervo como difusão do conhecimento por meio da veiculação de obras de arte, sua contribuição para formação de vários artistas plásticos feirenses e as inter-relações que estabeleceu com as culturas de Feira de Santana, entre as décadas de 1960 e 1980. Também buscamos identificar em que medida o Museu funcionou como contributo para a preservação da identidade cultural sertaneja.

PALAVRAS-CHAVE: *Museu Regional de Feira de Santana. Artes visuais. Formação de Artistas.*

ABSTRACT — This work approaches issues related to the presence of the Regional Museum, created in 1967, in Feira de Santana, Bahia. Was analyzed the characteristics of its acquis, composed by different collections, one that involves significant works related to artistic vanguards, in Brazil and abroad, and the other focused on regional culture. Furthermore, was investigated the importance of this acquis as diffusion of knowledge by means of propagation of art works, its contribution to formation of many feirenses plastic artists and the interrelations that it established with the cultures of Feira de Santana, between the 1960s and the 1980s. Also we seek to identify the extent that the Museum worked as a contribution to the preservation of country cultural identity. KEY WORDS: *Feira de Santana Regional Museum. Visual arts. Artist formation.*

1 INTRODUÇÃO

A história de Feira de Santana é tradicionalmente vinculada a uma capela, construída nos Olhos d'Água, no começo do século XVIII, em homenagem a São Domingos e Senhora Santana. No local surgiu uma pequena feira, que, tempos depois, deu origem ao arraial de "Santana dos Olhos d'Água". Daí para frente, com um rápido desenvolvimento urbano e uma feira livre que atraía moradores de vários municípios vizinhos, o povoado não parou de crescer. Em 16 de junho de 1873, ganhou foro de cidade, com o título de "Cidade Comercial de Feira de Santana".

Chamada por Rui Barbosa de "Princesa do Sertão"¹, Feira de Santana é hoje a maior cidade do interior da Bahia. Conta com

556.756 habitantes² e ocupa a segunda posição em população do Estado atrás de Salvador [...]. Ocupando a 34ª colocação no ranking nacional, maior que sete

capitais: Vitória, Florianópolis, Rio Branco, Palmas, Porto Velho, Boa Vista e Macapá, conforme censo demográfico 2010 do IBGE³.

O desenvolvimento artístico-cultural de Feira de Santana, no entanto, não apresenta marcos precisos. Segundo Rollie Poppino (1968), as primeiras manifestações locais estão associadas à educação e à cultura folclórica tradicional que vinham de uma longa tradição do período colonial. Explica o autor que, embora

as festas religiosas constituíssem, desde muito, um derivativo importante para as energias sociais de todas as classes, em Feira de Santana, a alegria do povo pela participação em folguedos públicos exprimia-se muitas vezes através as festas profanas (POPPINO, 1968, p. 286).

No que diz respeito à educação, a cidade contava, até a década de 1960, com estabelecimentos de nível primário e uns poucos de nível secundário⁴. Dentre estes se destacavam a Escola Normal, o Colégio Santanópolis e o Colégio Estadual, que preparavam a grande maioria da população urbana e dos distritos que tinha acesso à educação formal. A cidade desfrutava, desde o século XIX, do Teatro Santana, onde se apresentavam artistas locais e, eventualmente, de Salvador e de outras cidades. Mais tarde, o cinema viria substituir, quase totalmente, o teatro, como o entretenimento preferido pela população. “Em 1950, os filmes norte-americanos e brasileiros mais modernos eram apresentados com regularidade no Cine teatro Santana e no espaçoso e moderno Cinema Iris” (POPPINO, 288, p. 288).

Nota-se, entretanto, que a população da cidade parecia inclinar-se mais para as festividades nas quais pudesse ter participação ativa. Era o caso do carnaval, “celebrado em Feira de Santana, em todo o século XIX, mas só apareceu como uma festa anual em 1925” (POPPINO, 1968, p. 288). Mais tarde, o carnaval se transformou na micareta⁵, hoje um evento conhecido nacionalmente. Além da micareta, a cidade contava com festa em homenagem à padroeira, a “Festa de Santana”, que incorporava manifestações, até hoje presentes na memória da população, como o Bando Anunciador, Lavagem da Igreja e a Levagem da Lenha. Em 1988, o bispo Dom Silvério Albuquerque “tomou a decisão de separar o litúrgico do profano e, para dificultar qualquer resistência, retornou a festa para o mês de julho, como acontecia até o século XIX” (FESTA, 2007, p. 14). Com isso, desapareceu a parte popular da festa, restando apenas as cerimônias religiosas.

A música também tinha posição de destaque, já nos anos de 1950. Em geral, estava associada às filarmônicas locais — 25 de Março, Vitória e Euterpe Feirense — presentes em quase todos os acontecimentos públicos. Poppino (1968, p. 286-287) ressalta que “os fogos de artifícios e uma banda música sempre constituíram um complemento, tanto para as festividades religiosas como para as profanas.”

As grandes transformações no quadro da cultura feirense iriam, entretanto, intensificar-se na década de

1960. Os anos 1950 já anunciavam essas mudanças. Em 1951, por exemplo, o pintor Raimundo de Oliveira, fez no Hall da Prefeitura Municipal sua primeira exposição. Em 1952, organizou, juntamente com o professor Dival Pitombo, a “1ª Exposição de Arte Moderna de Feira de Santana”. A mostra era um acontecimento totalmente inédito para a cidade e reunia artistas importantes no cenário nacional, como Pancetti, Aldemir Martins, Jenner Augusto, Scliar, Carybé, Marcelo Grasmann e Bonadei, dentre outros.

A efervescência cultural dos anos de 1960 pode ser percebida em várias áreas. Eventos que só eram registrados ocasionalmente na cidade, passaram a acontecer com mais frequência. Surgiu a AFA (Associação Feirense de Arte), criada por Dival Pitombo, que promoveu, na cidade, “concertos, exposições, conferências e outras manifestações congêneres, com a finalidade de trazer ao nosso povo uma familiaridade ao trato das coisas da arte” (PITOMBO, 1978, p. 7).

A literatura, o teatro e o cinema também tiveram desenvolvimento marcante nesse período. Na literatura, destaca-se a publicação da revista *Sertão*, entre 1961 e 1963, pela Associação Cultural Filinto Bastos. No teatro, há a atuação intensa de três grupos locais: META, SCAFS e TEF. No cinema, Olney São Paulo realiza-se o longa-metragem *Grito da Terra* (1964). O filme foi produzido por uma empresa feirense, a Santana Filmes S/A. Dois anos antes, outro acontecimento marcara de forma significativa a vida cultural da cidade: a construção do prédio da biblioteca pública. Inaugurada em abril de 1962, com o nome Biblioteca Municipal Arnold Silva, este novo espaço também começou a funcionar como opção para mostras de arte. Até então, os artistas plásticos feirenses contavam apenas com hall da Prefeitura Municipal.

2 O MUSEU REGIONAL DE FEIRA DE SANTANA

Na década de 1960, não existia, em Feira de Santana, galeria de arte ou espaço específico para as artes plásticas. Tampouco havia qualquer mobilização, por parte dos artistas locais, para a criação de um museu de arte, apesar de toda a inquietação cultural que caracterizou a década de 1960. Havia sim, por parte de alguns intelectuais, principalmente do escritor e poeta Eurico Alves Boaventura e do professor Dival Pitombo, a vontade de se criar um Museu do Vaqueiro, com o objetivo de abrigar aspectos diversos da cultura sertaneja. Eurico Alves Boaventura chegou a elaborar, em 1961, um projeto para esse museu. Segundo Boaventura (2006, p. 135), o

[...] Museu do Vaqueiro não se prenderia apenas ao vaqueiro, que foi muito, muito, na paisagem pastoril, mas acompanhado do senhor da fazenda. Não será apenas manifestação da vida do curral tão só, dos meios de trabalho do vaqueiro. Guardará o museu a vida passada das nossas fazendas, das casas de fazenda, que foram reais solares de prosápia verdadeira. E mesmo das cidades que floriram no mundo da pastorícia.

A criação do Museu Regional, em 1967, veio em função da reivindicação desses intelectuais. A Prefeitura Municipal acolheu a ideia e providenciou o prédio, que foi reformado em poucos dias, mas o grande responsável pela concretização do sonho feirense foi o jornalista e empresário paraibano Assis Chateaubriand. A proposta inicial de se criar o Museu do Vaqueiro, a essa altura, já havia evoluído para um museu mais abrangente, que incluía as artes plásticas. No dia 27 de março de 1967, o museu, que passou a se chamar de Museu Regional de Feira de Santana, foi inaugurado com uma grande festa, prestigiada por políticos e intelectuais de todo o país. Além do próprio Chateaubriand, estavam presentes: o pintor Di Cavalcanti, o superintendente dos *Diários Associados*, Odorico Tavares, o embaixador da Inglaterra, Sir John Russel, o governador do Estado, Lomanto Júnior e o jornalista João Falcão, que passou a presidir uma fundação criada para manter o museu.

O Museu Regional de Feira de Santana tornou-se, com o passar do tempo, uma referência para a cultura local. Embora contasse em raras oportunidades com o apoio das instituições oficiais, era muito visitado pela população feirense e atraía, inclusive, pela importância do seu acervo, também visitantes de outros lugares. Ao longo desse processo, foi fundamental o trabalho e a dedicação do professor Dival Pitombo, que dirigiu o museu até 1989, data de sua morte.

Anos antes, conhecedor das dificuldades administrativas e financeiras do museu, ele tomou a iniciativa de doar o acervo para a Universidade Estadual de Feira de Santana, o que ocorreu no dia 20 de agosto de 1985, "através de ata assinada pelos seus diretores (da Fundação Museu Regional) Jorge Leal, Dival Pitombo, Renato Galvão, Almiro Vasconcelos e Arlindo Pitombo" (MAXADO, 1990, p. 4).

A Universidade Estadual de Feira de Santana, ao assumir o acervo e após avaliar as condições físicas do prédio que abrigava o museu e que pertencia à Prefeitura Municipal, optou pela transferência do mesmo para o Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), instalado no edifício onde no passado funcionara a Escola Normal e a Faculdade de Educação. O acervo original foi, com a mudança, desmembrado, sendo a parte regional transferida para o Museu Casa do Sertão. Com isso o museu passou a se chamar de Museu Regional de Arte e direcionou seu acervo exclusivamente para as artes plásticas.

O acervo original do Museu Regional, adquirido, em 1967, por iniciativa de Assis Chateaubriand, permanece basicamente o mesmo. Trata-se de um conjunto de obras da maior importância, com trabalhos oriundos até da famosa Tate Gallery, de Londres, como é o caso de *Três torres de Suffolk*, do pintor John Piper. Originalmente ele foi dividido em duas partes: uma dedicada às artes plásticas e outra voltada para cultura

sertaneja, especialmente para civilização do couro. A predominância da parte destinada às artes plásticas estabelece às vezes certo conflito em relação ao nome do museu (Museu Regional), pela ênfase do termo regional.

A parte das artes plásticas é formada por cinco coleções básicas. A primeira é a que reúne quase três dezenas de pintores ingleses de meados do século XX e que veio para Feira de Santana graças aos contatos de Chateaubriand, na Inglaterra, onde na época era embaixador. A coleção inclui artistas como Alan Davie, Ghaham Sutherland, John Piper, Neville King, Michael Vaughan, Howard Hodgkin, Le Brocquy, Frank Auerbach, e Bryan Organ.

A segunda coleção, também dedicada à pintura, foi, em parte, adquirida por intermédio da Galeria Astréia, de São Paulo. Reúne artistas brasileiros de variadas tendências, como por exemplo: Di Cavalcanti, Manabu Mabe, Vicente do Rego Monteiro, Teruz, Clóvis Graciano, Wakabayashi, Maria Polo, Aldemir Martins, Fukushima, Flávio Shiró, Ianelli e Tomie Ohtake. Nesta coleção estão incluídos alguns artistas baianos, entre os quais: Calasans Neto, Carybé, Sante Scaldaferrri, Francisco Liberato, Carlos Bastos, Juraci Dórea, César Romero, Floriano Teixeira, Jenner Augusto, Raimundo de Oliveira e Rescala.

Já a terceira coleção é voltada para o desenho e a gravura. Nota-se aqui que vários trabalhos foram escolhidos pela temática, visivelmente sintonizada com a cultura nordestina. Entre os artistas que a integram podem ser citados Juarez Paraíso, Presciliano Silva, Sônia Castro, Emanuel Araújo, Riolan Coutinho, Carybé, Krajcberg, Henrique Oswald e Poty. Pouco numerosa, porém não menos importante é a quarta coleção, dedicada à escultura. Ela tem obras de Vasco Prado, Stockinger e Mário Cravo Júnior. A quinta coleção reúne pintores primitivos como Adelson do Prado, Willys, João Alves e M Manuel Araújo (Manezinho).

A outra parte do acervo contempla a cultura sertaneja. Para Eurico Alves Boaventura (2006, p. 146), ela tem um valor especial:

O que nos toca de mais perto é a parte tida como Museu do Couro ou Museu do Vaqueiro. Incipiente ainda em quantidade, porque no seu início, a Civilização do Couro, como a intitulou Capistrano de Abreu, dá bem a mostra do que pode exprimir. Todo o Brasil se viu sacudido e organizado ao sopro da civilização do couro. Ao lado da civilização do açúcar, das minas e do café, a civilização do couro se firmou ainda mais vigorosa e ainda hoje se faz viril e forte.

A coleção dedicada à cultura sertaneja não foi ampliada com o passar dos anos, conforme imaginara o poeta Eurico Alves Boaventura. Salvo um ou outro objeto, doado pela população, o acervo se conservou com as peças reunidas para a exposição inaugural do museu. A proposta do acervo do Museu Regional, que valoriza igualmente o popular e o erudito, merece também algumas considerações, pois atua no contexto da preservação da identidade cultural feirense. Ao abrigar peças representativas da cultura sertaneja, ele não só contribui para a preservação dessas peças, como permite um novo olhar sobre aspectos culturais que vão sendo progressivamente relegados ao esquecimento ou apagados pela homogeneização cultural que caracteriza os tempos atuais.

O hibridismo desse acervo talvez tenha sido influenciado pela proposta dos intelectuais feirenses, que desejavam criar na cidade um museu voltado para a cultura regional e sertaneja. A tendência da época era a criação de museus de arte, a exemplo do Museu de Arte Moderna da Bahia, idealizado pela arquiteta Lina Bo Bardi, o Museu de Olinda e o Museu de Campina Grande, embora não se possa esquecer a experiência de Lina Bo Bardi, em Salvador, que propôs a criação do Museu de Arte Popular, no início dos anos 1960, paralelamente ao Museu de Arte Moderna. No convite da exposição *Formas como Escultura*, Lina Bardi observa: "O Museu de Arte Moderna da Bahia anuncia o Museu de Arte Popular que funcionará paralelamente ao M.A.M.B. com a função especial de documentação histórica e como base de estudo para a futura Escola de Artesanato e Desenho Industrial" (BARDI, 1960, apud ZOLLINGER, 2013, p. 15). Segundo Zollinger (2013, p. 17), Lina Bardi buscava, com esse museu "superar o limite entre Arte e arte, ou entre as expressões consideradas eruditas e aquelas chamadas populares, primitivas, ingênuas".

O projeto do Museu de Arte Popular de Lina Bardi, entretanto, não foi adiante. Limitou-se à *1ª Grande Exposição de Arte Popular do Nordeste* e à *Exposição Nordeste*, coletiva que reunia expoentes das artes plásticas nordestinas. Ambas foram realizadas, em 1963, no Solar do Unhão. As obras reunidas na exposição integrariam o futuro acervo do Museu de Arte Popular, mas grande parte desse material terminou se perdendo com o tempo. Já o Museu Regional de Feira de Santana conseguiu preservar, em sua totalidade, o acervo original, que hoje se encontra complementando o acervo do Museu Casa do Sertão, pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana.

Atualmente, exibido no Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), o acervo do Museu Regional de Feira de Santana está focado unicamente nas artes plásticas. Trata-se de um acervo que encanta a todos, quer pela qualidade de suas obras, quer por seu valor histórico, quer pela lucidez dos que se lançaram na aventura de trazer para a Feira de Santana tão significativo patrimônio.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A arte é sabidamente uma forma de conhecimento, mas não se deve esquecer que ela tem suas

particularidades. A arte pode dialogar, ou mesmo transitar, por outras áreas do conhecimento humano, como a ciência, a filosofia e a religião, mas tem seu campo de atuação específico. Segundo Costa (2004, p. 136),

A arte se opõe ao mergulho no individualismo egoísta. Trabalha o incrível paradoxo de, tendo suas raízes na subjetividade e na interioridade, só se realizar em comunicação com o outro e com o mundo. Exige eco e comunicação, exige diálogo e controvérsia. Assim, mantém livres nossos canais de comunicação com o outro, ao mesmo tempo que aprimora a consciência que temos de nós mesmos. É fonte inesgotável de interpretação e sentido.

A percepção de uma obra de arte envolve a sua contextualização, pois os conceitos, o gosto e os padrões estéticos variam como a geografia e com o tempo. Observa Gombrich (2011, p. 36) que, no campo da arte,

há sempre novas coisas a descobrir. As grandes obras artísticas parecem ter um aspecto diferente cada vez que nos colocamos diante delas. Parecem ser tão inexauríveis e imprevisíveis quanto seres humanos de carne e osso. É um mundo excitante, com suas próprias e estranhas leis, suas próprias aventuras.

A imprevisibilidade da arte a que se refere Gombrich assume maiores proporções com o experimentalismo que passou a dominar a produção artística a partir do século 20. As vanguardas levaram ao extremo o questionamento da arte como representação, tensionando e desconstruindo a visão tradicional que ligava as imagens artísticas às imagens do mundo real. Favaretto (2016, p. 36-37) observa que:

desde o início da modernidade, e mais ainda, em nossa atualidade, em toda parte, pensar a arte como conhecimento da realidade é algo problemático, pois tanto o real como os dispositivos da representação perderam a eficácia, dado o enfraquecimento do simbólico e da potência das imagens e de toda sorte de dispositivos de simulação.

Ainda que tenha reconfigurado seu campo de ação, optando por substituir a representação pela apresentação do real, a arte continua produzindo formas de conhecimento. É dentro dessa premissa que pretendemos estudar o papel do Museu Regional de Feira de Santana no contexto das novas práticas museológicas e identificar as inter-relações que estabeleceu com os artistas e com as culturas de Feira de Santana, entre as décadas de 1960 e 1970. Convém lembrar que ele surgiu em 1967, num período em que ainda não estavam completamente disseminadas, nos meios culturais, as novas formas de atuação do museu junto ao público. Ou seja, ainda não eram práticas rotineiras as propostas que passaram a ser adotadas a partir dos conceitos da nova museologia, enfatizando, em particular, o papel cognitivo e social do museu.

Pode-se indagar que elementos da conjuntura da época permitiram ao Museu Regional contribuir para a difusão do conhecimento e formação de artistas plásticos que produziram novas expressões estéticas constitutivas de imaginários e culturas de grupos sociais de Feira de Santana?

Quais as singularidades do acervo, que reunindo tanto manifestações da arte popular regional sertaneja quanto da produção erudita, despertaram a atenção da população?

Objetivando o desenvolvimento de nossa pesquisa, estabelecemos dois eixos de trabalho: soluções cognitivas e soluções práticas.

As soluções cognitivas englobam estratégias diversas que deverão resultar na elaboração de um memorial sobre o Museu. Entre essas estratégias, pretendemos realizar um mapeamento analítico dos artistas que receberam influência do Museu Regional no seu processo de formação artística. Em pesquisas preliminares já foi possível a identificação de alguns nomes: Graça Ramos, César Romero, Caetano Dias, Guache Marques, Juraci Dórea, Carlo Barbosa, Baldomiro, Nailson Chaves, entre outros. Além da convivência que mantenho com alguns desses artistas — que surgiram na cena plástica baiana a partir dos anos de 1960 e 1970 e são atualmente reconhecidos pela crítica — tive a oportunidade de organizar exposições e atividades promovidas pelo Museu Regional.

Outra estratégia será analisar as obras desses artistas, observando os diálogos que estabeleceram com o acervo do museu e tendo como principal método de análise o depoimento, a vivência e a estética. Pretende-se com isso desenvolver uma reflexão sobre o papel que o Museu Regional desempenhou na formação e na difusão do conhecimento por meio da veiculação de obras, formação dos artistas plásticos acima citados e interlocuções estabelecidas com manifestações culturais de Feira de Santana. Esta proposta não perde de vista que a cidade recebeu um conjunto de obras que se articulava com as vanguardas artísticas do Brasil e do exterior (particularmente com a produção inglesa dos anos de 1950 e 1960). E considera o impacto das obras numa cidade do sertão, que não tinha acervos públicos nem tradição no campo das artes visuais.

A articulação dos sujeitos envolvidos no processo se dará por meio das seguintes ações: visita aos artistas; convite para o envolvimento e participação colaborativa na pesquisa, tendo em vista que não há bibliografia que ligue as obras desses artistas ao acervo do museu; realização de entrevistas semiestruturadas para identificar as influências do acervo do Museu Regional na produção e formação desses artistas; elaboração de um memorial contendo o resultado do trabalho desenvolvido.

Abordaremos as informações sobre o tema considerando a multiplicidade de abordagens relacionadas com as ciências sociais, em que se articulam saberes e políticas ligadas à produção do conhecimento. A discussão envolvendo o relacionamento do Museu Regional com a comunidade e os projetos educativos desenvolvidos por ele será fundamentada nos trabalhos oriundos da nova museologia, particularmente nos estudos de Margarita Barreto e Mathilde Bellaigne. Faremos um paralelo entre essas novas teorias e sua aplicabilidade ao

funcionamento de um museu classificado museologicamente como tradicional.

A estratégia de contextualização do tema estudado, que envolve a abordagem do aspecto sócio-histórico levará em conta o estudo do projeto expográfico da mostra de inauguração do Museu Regional; a vivência dos artistas no espaço museal estudado; a construção da história do Museu através dos sujeitos envolvidos na época da implantação. Recentemente contatamos, por exemplo, o artista visual Emanuel Araújo, que fez o cartaz para a inauguração e participou da montagem da mostra inicial.

Para situar o panorama cultural de Feira de Santana, no qual o Museu Regional surgiu e se desenvolveu, adotaremos uma perspectiva histórica, buscando precisar o seu papel enquanto instituição cultural e educacional, identificando o seu significado no contexto cultural da cidade e sua importância para a formação dos artistas, fundamentalmente baseada nas informações contidas no trabalho de Rollie E. Poppino, *Feira de Santana*, além da produção historiográfica recente sobre Feira de Santana, que começa a se destacar nos anos 2000. A reflexão mais teórica sobre história, memória e cultura, fundamentar-se-á na obra de Jacques Le Goff, *História e memória*, na medida em que ela contempla questões relacionadas à historiografia, à memória coletiva e à relação entre cultura erudita e popular. Já a obra de Clifford Geertz, *Nova luz sobre antropologia*, nos ajudará a pensar as relações culturais e as construções e percepções do sentido, inclusive o do campo simbólico, característico do fazer artístico. No que diz respeito ao debate específico sobre cultura brasileira, recorreremos à obra de Alfredo Bosi, *Dialética da colonização*. Para discutir a relação entre cultura erudita e popular recorreremos a Néstor García Canclini, *Culturas híbridas*, além das reflexões recentes de Marilena Chauí, sobre cidadania cultural (*Cidadania cultural: o direito à cultura*), que passam em revista o debate cultural no Brasil e as diferentes visões de cultura.

Como fio condutor da análise pretendemos ainda recorrer às propostas apresentadas por Lina Bo Bardi, durante a criação do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAMBa) e do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Nossa atenção observará, em particular, a criação do "Museu de Arte Popular do Solar do Unhão, em 1963, concebido como desdobramento do MAMBa" e que representou "o marco de abertura a uma nova e possível reconstrução da cultura material brasileira, de origem popular e miscigenada" (LATORRACA, 2016, p. 82).

A estratégia de elaboração da transdisciplinaridade incluirá a compreensão do papel do Museu Regional na formação dos artistas plásticos locais. Nesse sentido, é importante considerar a inter-relação entre vários campos do conhecimento e a contribuição de historiadores, museólogos, artistas e agentes administrativos.

A criação de estratégias de mediação, ou seja, colaboração, abordagem cognitiva e interatividade, focará a preparação de um questionário; reuniões com os artistas; seleção e inventário do material iconográfico coletado.

O engajamento dos sujeitos envolvidos deverá ser uma das preocupações da proposta que buscará identificar na produção dos artistas estudados os aspectos fundantes de sua produção, isto é, os pontos de ligação entre

o museu e a história de vida desses personagens. Aproximando-se da metodologia de investigação conhecida como DBR, a ideia é motivar a colaboração de todas as pessoas envolvidas. “É considerar todos como parte da equipe de pesquisa” e ter em mente que no processo, “nenhum conhecimento é negado, nem o universitário nem o comunitário, mas nenhum também é posto em situação de dominância”. (MATTA, 2014, p. 26). Consideramos que tal procedimento acaba “pondo em diálogo produtivo e prático o conhecimento universitário e científico com o saber popular comunitário, de maneira que os dois passam a ser parceiros respeitados e companheiros de construção para benefício mútuo” (MATTA, 2014, p. 34).

No que se refere às soluções práticas devemos considerar inicialmente as possibilidades de difusão da proposta. Entre elas, a criação de memorial descritivo que registre a exposição de implantação do Museu Regional de Feira de Santana (a exposição permaneceu praticamente inalterada durante anos) e a publicação impressa e virtual de registros iconográficos reunidos durante a pesquisa.

Os formatos possíveis são o memorial descritivo e o projeto expositivo. Os requisitos técnicos e materiais exigidos para desenvolvimento do trabalho são os seguintes: notebook, gravador, scanner, xerox e questionário impresso. Os materiais da ação, conteúdo e processo englobam texto escrito, DVD e outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Minayo (1994, p. 21) “a visão de mundo do pesquisador e dos sujeitos sociais estão implicados em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho”. Constatamos, já nas pesquisas preliminares, que alguns artistas feirenses costumam falar da importância do Museu Regional, no início de suas carreiras, a exemplo de Nailson Chaves, Juraci Dórea, Guache Marques e César Romero. Romero, por exemplo, confessa que na juventude frequentava regularmente o Museu. Sua obra, assim como o museu é um diálogo constante entre o popular e o erudito. Comprovando essa afirmação, diz Klintowitz (2001, p. 13):

Ele é um pintor que se aprofunda na herança popular de seu país como de um manancial de vitalidade. Bebe na fonte primeva. Mas é um pintor, e não se quer mais ou menos do que isto. Tudo é popular e tudo é erudito. A totalidade do Brasil. A alma nacional.

Além dessa possível contribuição para a formação de artistas locais, o museu provavelmente também desempenhou papel relevante enquanto instituição didático-educativa. Localizada inicialmente nas proximidades de dois grandes centros de ensino, Colégio Municipal e Escola Estadual Agostinho Fróes da Mota, além de vizinho da Biblioteca Municipal Arnold Silva, ele era diariamente visitado por inúmeros alunos, embora com as limitações no que se refere às ações didáticas. Atualmente, ele é um dos espaços de destaque

do Centro Universitário de Cultura e Arte, instituição que por sua dinâmica e integração com a comunidade é referência para a população.

Para finalizar, não custa lembrar que o desafio maior continua sendo o de fazer esse acervo dialogar cada vez mais com a comunidade, mostrando que a arte pode ampliar e enriquecer as formas de ver o mundo.

5 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Hélder. *31anos de micareta*. Feira de Santana: s. ed., 1968.

BARRETO, Margarita. *Análise da utilidade social dos museus de Campinas*. Campinas, 1993. Dissertação em Ciências Aplicadas à Educação. Faculdade de Educação, Unicamp.

BELLAIGNE, Mathilde. In "Uma nova Visão do Passado", entrevista concedida a Heloísa Barbuy, *Memória*, nº 19, São Paulo:Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, 1993.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

CANCLINI. Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

KLINTOWITZ, Jacob. *César Romero: a escritura crítica do Brasil*. [S.l.: s.n.], 2001.

COPLAN. *Plano de desenvolvimento local integrado de Feira de Santana*. Feira de Santana: Coplan, 1968. v. 1.

COSTA, Cristina. *Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

CUNHA, Daiane S. S. da et al. (Orgs.). *Arte na atualidade*. 1.ed. eBook. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p.

33-56.

FAVARETTO, Celso. Arte e conhecimento. In: CUNHA, Daiane S.S. da et al. (Orgs.). *Arte na atualidade*. 1.ed. eBook. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 33-56.

FEIRA DE SANTANA. CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas de Feira de Santana).

Disponível em:

< <http://>

[www.](http://www.cdifs.com)

[cdifs.com](http://www.cdifs.com)

[.br](http://www.cdifs.com.br)

>.

Acesso em: 11 fev. 2015.

FESTA de Santana: terno novo e sapatos duas cores. *Tribuna Feirense*, Feira de Santana, p. 14, 26 mai. 2007.

GAMA, Raimundo (Org). *Feira de Santana e Ruy Barbosa: o pouso da Águia na "terra formosa e bendita"*. Feira de Santana: [s.n.], 2002.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados do censo demográfico populacional.

Disponível em:

<http://>

cidades.ibge.gov.br

[/xtras/perfil.php](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php)

?

[codmun=291080.](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291080)

Acesso em: 10 fev. 2015.

LATORRACA, Giancarlo. Prática museológica libertadora. *Select*, São Paulo, n. 30, p. 80-83, jun./jul. 2016.

MAXADO, Franklin. A arte de ser museu no interior. *A Tarde*, Salvador, p. 4, 31 mar. 1990.

MATTA, Alfredo E. R. et al. Design-Based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI. *Revista da FAEEBA — Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 42, p. 23-36, jul./dez. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2. Ed. São Paulo, Hucitec, 1994.

PITOMBO, Dival. Museu Regional e Casa do Sertão. *Feira Hoje*. Feira de Santana, p. 7, 15 fev. 1978.

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Tradução: Arquimedes Pereira Guimarães. Salvador: Itapuã, 1968.

ZOLLINGER, Carla. Museu de Arte Popular e Museu do Unhão. *Contorno*. Salvador, n. 1, p. 14-25, 2013.

5 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Hélder. *31anos de micareta*. Feira de Santana: s. ed., 1968.

BARRETO, Margarita. *Análise da utilidade social dos museus de Campinas*. Campinas, 1993. Dissertação em Ciências Aplicadas à Educação. Faculdade de Educação, Unicamp.

BELLAIGNE, Mathilde. In “Uma nova Visão do Passado”, entrevista concedida a Heloísa Barbuy, *Memória*, nº 19, São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, 1993.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

CANCLINI. Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

KLINTOWITZ, Jacob. *César Romero: a escritura crítica do Brasil*. [S.l.: s.n.], 2001.

COPLAN. *Plano de desenvolvimento local integrado de Feira de Santana*. Feira de Santana: Coplan, 1968. v. 1.

COSTA, Cristina. *Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

CUNHA, Daiane S. S. da et al. (Orgs.). *Arte na atualidade*. 1.ed. eBook. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 33-56.

FAVARETTO, Celso. Arte e conhecimento. In: CUNHA, Daiane S.S. da et al. (Orgs.). *Arte na atualidade*. 1.ed. eBook. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 33-56.

FEIRA DE SANTANA. CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas de Feira de Santana).

Disponível em:

< <http://>

[www.](http://www.cdifs.com.br)

[cdifs.com](http://www.cdifs.com.br)

[.br](http://www.cdifs.com.br)

>.

Acesso em: 11 fev. 2015.

FESTA de Santana: terno novo e sapatos duas cores. *Tribuna Feirense*, Feira de Santana, p. 14, 26 mai. 2007.

GAMA, Raimundo (Org). *Feira de Santana e Ruy Barbosa: o pouso da Águia na "terra formosa e bendita"*. Feira de Santana: [s.n.], 2002.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados do censo demográfico populacional.

Disponível em:

<http://>

cidades.ibge.gov.br

[/xtras/perfil.php](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php)

?

[codmun=291080.](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291080)

Acesso em: 10 fev. 2015.

LATORRACA, Giancarlo. Prática museológica libertadora. *Select*, São Paulo, n. 30, p. 80-83, jun./jul. 2016.

MAXADO, Franklin. A arte de ser museu no interior. *A Tarde*, Salvador, p. 4, 31 mar. 1990.

MATTA, Alfredo E. R. et al. Design-Based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI. *Revista da FAEEBA — Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 42, p. 23-36, jul./dez. 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2. Ed. São Paulo, Hucitec, 1994.

PITOMBO, Dival. Museu Regional e Casa do Sertão. *Feira Hoje*. Feira de Santana, p. 7, 15 fev. 1978.

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Tradução: Arquimedes Pereira Guimarães. Salvador: Itapuã, 1968.

ZOLLINGER, Carla. Museu de Arte Popular e Museu do Unhão. *Contorno*. Salvador, n. 1, p. 14-25, 2013.

1 Segundo Raimundo Gama (2002, p. 74), Rui Barbosa criou o “famoso epíteto para Feira de Santana”, em 1919, durante conferência proferida na cidade.

2 Segundo estimativa do IBGE, a população “residente com data de referência de 1º de julho de 2015”, publicada no Diário Oficial da União em 28/08/2015 já é de 617.528 habitantes. Fonte: <http://>

cidades.ibge.gov.br

[/xtras/perfil.php](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php)

?

[codmun=291080](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=291080)

3 Fonte: (Fonte: <http://>

[www.](http://)

[cdlfs.com](http://)

[.br](http://)

).

4 Em 1967, existiam 359 estabelecimentos de ensino primário no município, “55,4% são estaduais, 33,7% são municipais e 10,9% são particulares. [...] No nível secundário, existiam 13 estabelecimentos”. (COPLAN, 1968, p. 79).

5 Micareta: “festa semelhante ao carnaval, que se realiza, geralmente, quinze dias após a Páscoa” (ALENCAR, 1968, p. 13). A expressão vem da palavra francesa Mi-carême.

* Museóloga da Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Teoria e História da Arte pela Universidade Federal da Bahia. Professora Assistente de História da Arte, do Departamento de Letras e Artes da UEFS, atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Desenho Registro e Memória Visual. Dirigiu o Centro Universitário de Cultura e Arte da UEFS. Entre os anos de 2006 e 2007, atuou na área de educação especial, no Centro de Apoio Pedagógico de Feira de Santana. Atualmente é doutoranda do DMMDC – Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – UFBA. Tendo como orientador o professor Doutor Trazíbulo Henrique Pardo Casas.

e-mail: dorea@terra.com

[.br](mailto:dorea@terra.com)

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 10/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: